

Déficit e dívida reduzem poder global americano

Marcos de Moura e Souza

No momento em que a economia americana está em crise, a China vem se mostrando mais assertiva e adotando um tom mais duro com os EUA. Isso possivelmente não é coincidência. Analistas ouvidos pelo Valor dizem que a disparada do déficit público e da dívida americana vai contribuir para reduzir o poder global dos EUA.

No projeto de Orçamento enviado esta semana pelo presidente Barack Obama ao Congresso americano, a projeção é que o déficit fiscal aumente em US\$ 100 bilhões este ano e atinja o valor recorde de US\$ 1,56 bilhão.

"O desequilíbrio entre as obrigações financeiras e os recursos disponíveis leva não apenas a um sistema político disfuncional, mas também corrói a posição militar e econômica dos EUA no mundo", diz Michael Shifter, vice-presidente da área de polícia do Inter-American Dialogue.

Para ele, a situação atual é "simplesmente insustentável" e faz com que o país "não possa ampliar seus compromissos internacionais enquanto se vê afundando cada vez mais fundo em dívidas".

O endividamento crescente tende a fazer com que ações militares de grande alcance percam espaço no rol de opções da geopolítica americana. É o que diz outro analista, Willis Sparks, da divisão Global Macro da consultoria Eurasia Group, em Nova York.

"Somente um ataque terrorista ou outra emergência inesperada poderia convencer Washington a se envolver em outro Afeganistão ou outro Iraque no futuro previsível. O custo é muito alto, particularmente num momento em que muito das atenções políticas está concentrado no déficit federal e na dívida nacional", diz Sparks.

Ontem, em entrevista ao canal de TV MSNBC, o vice-presidente dos EUA, Joe Biden, relacionou o endividamento à capacidade do país de garantir a capacidade de defesa. Segundo ele, a dívida pública e o déficit orçamentário recorde ainda não se transformaram num problema para a segurança. Mas, em seguida, advertiu: "Se não fizermos nada em relação a isso, [o déficit e a dívida] poderão e deverão se converter numa questão de segurança nacional."

Para Sparks, a menos que um forte movimento de correção de rota seja feito, "a dívida federal americana vai limitar a capacidade de futuros presidentes e parlamentares de projetarem o poder dos EUA pelo mundo".

Quando se referia ao alto endividamento americano - e a dependência que os EUA têm de outros países em financiar sua dívida Lawrence Summers - atual chefe dos conselheiros econômicos da Casa Branca - costumava perguntar antes de ingressar no governo: "Por quanto tempo o maior tomador de empréstimo do mundo continuará a ser a maior potência mundial?"

A China é o maior detentor de títulos da dívida americana. E se para alguns analistas isso vulnerabilizar a posição americana, Joseph Nye, da Universidade Harvard, oferece uma visão distinta. "O déficit americano é um problema, mas não vai acabar com o poder militar ou com o 'soft power' americano", disse. "O modelo de crescimento da China depende do acesso ao mercado dos EUA, assim como os EUA dependem da China para ajudar a financiar sua dívida. Se a China descarta seus dólares, isso poderia por a economia americana no chão, mas ao mesmo tempo derrubaria a economia chinesa."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3 fev. 2010, Primeiro Caderno, p. A11.